

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

Atena
Editora

Ano 2020

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
 Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 3 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-664-5

DOI 10.22533/at.ed.645200712

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. III**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse terceiro volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos; leitura e formação docente; e artes e suas nuances.

Estudos linguísticos, com quatro contribuições, traz análises uso de intensificadores, conectores discursivo-argumentativos, alteamento vocálico e análise crítica do discurso.

Em leitura e formação docente, com nove capítulos, são verificados estudos que versam sobre abordagens de leitura, mediação literária, emancipação do leitor, formação de leitores digitais, linguagem e interação, necessidades educacionais especiais, ensino de língua estrangeira, relações étnico-raciais, além de formação médica.

Nas artes e suas nuances, com seis leituras, são encontradas questões sobre o MUC-SP, o contemporâneo, Rodrigo Cunha, Amazônia, agroexperimentais, grafite, pichação e vinhetas.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O USO DOS INTENSIFICADORES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	
Vinicius Guarilha Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6452007121	
CAPÍTULO 2	18
CONECTORES DISCURSIVO-ARGUMENTATIVOS: AS TEIAS DO SENTIDO	
Antonio Vianez da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.6452007122	
CAPÍTULO 3	35
O ALTEAMENTO VOCÁLICO E A RELAÇÃO DE ESTIGMA E DE IDENTIDADE NO FALAR DOS <i>URBANITAS</i> BAIONENSES	
Divalda Mendes Rodrigues Pontes	
Benedita Maria do Socorro Campos-de-Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6452007123	
CAPÍTULO 4	53
VOZES FEMININAS, VOZES DE RESISTÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSO	
Claudia Maris Tullio	
Marieli Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.6452007124	
CAPÍTULO 5	63
AS DIVERSAS CONCEPÇÕES E ABORDAGENS DE LEITURA	
Karin Elizabeth Rees de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.6452007125	
CAPÍTULO 6	68
O PROFESSOR DE LITERATURA COMO MEDIADOR DA LEITURA LITERÁRIA	
Ramon Borges Portilho	
Maria Eugênia Curado	
DOI 10.22533/at.ed.6452007126	
CAPÍTULO 7	81
A MORTE DO AUTOR E A EMANCIPAÇÃO DO IMAGINÁRIO NO LEITOR	
Mirella Carvalho do Carmo	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.6452007127	
CAPÍTULO 8	89
A PRÁTICA DOCENTE E A FORMAÇÃO DE LEITORES DIGITAIS: ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS EM AULAS DE LINGUA PORTUGUESA	
Alba Helena Fernandes Caldas	

DOI 10.22533/at.ed.6452007128

CAPÍTULO 9..... 104

COLABORACIÓN GLOBAL: IDIOMAS Y TIC PARA CRUZAR FRONTERAS

Silvana Andrea Carnicero Sanguinetti

DOI 10.22533/at.ed.6452007129

CAPÍTULO 10..... 122

LINGUAGEM E INTERAÇÃO, TEORIA SOCIOCULTURAL E FORMAÇÃO DOCENTE

Cleber Cezar da Silva

DOI 10.22533/at.ed.64520071210

CAPÍTULO 11..... 137

RELATO DE EXPERIÊNCIA: LINGUAGEM E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Geize de Jesus Silva de Sousa

Jéssica Sousa de Oliveira Mendes

Marcos Antônio Fernandes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.64520071211

CAPÍTULO 12..... 151

O USO DA FERRAMENTA *SKELL* COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Emanoel Henrique Alves

Giseli Aparecida Cecílio

Adriane Orenha-Ottaiano

DOI 10.22533/at.ed.64520071212

CAPÍTULO 13..... 167

AÇÕES PROPOSITIVAS DO PROGRAMA DE EXTENSÃO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Demétrio Alves Paz

Jeize de Fátima Batista

Camila Knebel Fenner

Graziela Maiara Lunkes

DOI 10.22533/at.ed.64520071213

CAPÍTULO 14..... 179

EDUCAÇÃO SOMÁTICA E O SABER SENSÍVEL NA FORMAÇÃO MÉDICA

Eline Gomes de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.64520071214

CAPÍTULO 15..... 191

O MAC-USP COMO PLATAFORMA PARA SE DISCUTIR O CONTEMPORÂNEO

Matheus Henrique Gonçalves Silva

DOI 10.22533/at.ed.64520071215

CAPÍTULO 16	199
RODRIGO CUNHA: SÓLIDA SOLIDÃO NA CENA CONTEMPORÂNEA	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.64520071216	
CAPÍTULO 17	209
EXPERIENCIAR A AMAZÔNIA: A VERTIGEM DOS CORPOS NO ESPAÇO	
Orlando Franco Maneschy	
Guido Couceiro Elias	
Maria Christina Monteiro Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.64520071217	
CAPÍTULO 18	225
AGROEXPERIMENTAIS EDUCATIVOS #1: O PROJETO JARDIM ANTROPOFÁGICO	
Isabela Nascimento Frade	
Monique das Neves Silva	
DOI 10.22533/at.ed.64520071218	
CAPÍTULO 19	238
GRAFITE E PICAÇÃO: GÍRIA IMAGÉTICA?	
Waldemberg Araújo Bessa	
DOI 10.22533/at.ed.64520071219	
CAPÍTULO 20	251
UM BREVE ESTUDO SOBRE AS VINHETAS	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.64520071220	
SOBRE OS ORGANIZADORES	255
ÍNDICE REMISSIVO	257

CAPÍTULO 18

AGROEXPERIMENTAIS EDUCATIVOS #1: O PROJETO JARDIM ANTROPOFÁGICO

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 06/11/2020

Isabela Nascimento Frade

Instituto de Artes da UERJ
<http://lattes.cnpq.br/0576968930348730>

Monique das Neves Silva

Instituto de Artes da UERJ
<http://lattes.cnpq.br/9563298230154410>
<https://orcid.org/0000-0003-1696-3939>

RESUMO: A partir de um processo de experimentação agroecológica em que as artes visuais se integraram a outras áreas de pesquisa, obteve desenvolvimento um projeto de investigação tendo como objeto central a representação artística e, em especial, a simbologia antropofágica do mamoeiro. Oriundo das demandas de consumo alimentício da própria universidade, o projeto conta com distintos setores acadêmicos e laborais que se reuniram em colaboração a um coletivo de estudantes autogestionado, o Grupo de Agroecologia Manga Rosa. No trabalho em questão são apresentados os processos epistemológicos, estéticos e educativos que se desenvolveram na criação de um “canteiro antropofágico”.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Relacional Complexa; Paisagismo; Agroecologia; Processos Colaborativos; Educação Participativa.

EDUCATIONAL AGROEXPERIMENTS #1: THE ANTHROPOPHAGIC GARDEN PROJECT

ABSTRACT: Through an agroecologic experimentation process by which the visual arts were integrated to other research areas, an investigative project was developed having as central object the artistic representation and, in particular, the anthropophagic symbolism of the papaya tree. As part of the demands in food consumption by the university itself, the project counts on different academic and labor sectors that met in collaboration with a collective of self-managed students, the Agroecology Group Manga Rosa. The paper in question presents the epistemological, aesthetic and educational processes that have developed in the creation of an “anthropophagic garden”.

KEYWORDS: Complex Relational Art; Landscaping; Agroecology; Collaborative processes; Participative Education.

APRESENTAÇÃO - DAS PLANTAS NATIVAS À CULTURA ANTROPOFÁGICA

Esse trabalho reflexiona sobre um processo de intervenção no campus universitário UERJ Maracanã a partir de uma metodologia de pesquisa-ação de base multidisciplinar. Uma experimentação agroecológica em que a Botânica, as Artes Visuais e o Paisagismo se integraram a outras áreas de pesquisa, obteve desenvolvimento um processo investigativo tendo como objeto central a representação

artística e, mais ainda, a simbologia antropofágica do mamoeiro. Oriundo das demandas de consumo alimentício da própria universidade, o projeto conta com distintos setores acadêmicos e laborais que se reuniram em colaboração a um coletivo de estudantes autogestionado, o Grupo de Agroecologia Manga Rosa (Figura 1). No texto em questão são apresentados os processos epistemológicos, estéticos e educativos que se desenvolveram na criação de um “canteiro antropofágico”

Um experimento demanda observação cuidadosa e, dependendo de sua natureza, esse tempo de exame é longo, exigindo persistente dedicação. Ainda que tenha tido início em investidas aleatórias e desordenadas, em 2012, data inaugural de suas primeiras intervenções, o processo segue um processo onde se transforma em uma investigação programada e um estudo acadêmico no âmbito da pós-graduação. A partir de período de curtas e breves investidas até a data atual, consistindo grandes demandas e intensos investimentos laborais, quando se origina um grupo que hoje está coletivamente organizado, produzindo e reconhecendo seus primeiros resultados. A qualidade das experiências desenvolvidas exigiu contínua atenção e inúmeras negociações, inclusive ampliando seus próprios princípios e noções sobre a natureza do conhecimento acadêmico, a noção de arte e o seu fazer. Destes labores, destaca-se o Experimento Mamoeiros e seu consequente resultado, os Canteiros Antropofágicos, apresentados em ordem sequencial, seguindo seu próprio desenvolvimento.

As questões educativas seguem o princípio de um projeto metodológico multidisciplinar, no qual a Arte dialoga e aprende com a Biologia, com a Geografia, com a História, com a Educação, com o Paisagismo na construção de um objeto comum, no intercâmbio de ideias, em procedimentos e instrumentos, no objetivo de seguir ao encontro de um conhecimento híbrido, transdisciplinar, promovendo ainda aprendizagem não sistematizada no interior das grades curriculares e dos sistemas e currículos nos formatos tradicionais. Há também esforços no desenvolvimento de processos não hierarquizantes, reunindo sujeitos que ocupam distintas posições laborais em graus formativos diversos, unido saberes, conhecimentos e noções práticas advindas de variadas fontes e meios.

ESTAMOS OCUPADOS: DA CRISE UNIVERSITÁRIA AO ENGAJAMENTO COLETIVO

De uma longa ocupação no campus universitário, os estudantes se organizaram em equipes de trabalho na manutenção da vida coletiva, envolvendo ações integradoras e oportunizando incrementos na colaboração de sujeitos pertencentes a distintas áreas de conhecimento. Um grupo foi então sendo espontaneamente formado, quando se inaugura como coletivo na mais longa

ocupação: o Grupo de Agroecologia Manga Rosa (Figura 1).

A partir de 2015, Grupo Manga Rosa dedicou-se a conquistar um espaço para tornar perenes as suas primeiras intervenções: tratou com a administração da universidade, conseguindo bom diálogo com a Prefeitura dos Campi e reuniu-se em uma série de mutirões. Foram plantados pés de pitanga, goiaba, manga e muitas outras árvores frutíferas. Os mamoeiros, destacam-se (Figura 2): cresceram rápido, se fazendo força de mudança no campus, tornando-se uma espécie de front ecológico, recuperando canteiros depauperados pela aridez e propiciando alimento, atraindo novas espécies de aves e o já notado gambá, nosso pequeno marsupial tropical.



Figura 1. Grupo Agroecologia Manga Rosa: O Pomar em ocasião festiva do processo de ocupação. Muitos momentos se tornaram emblemáticos na tarefa de reunir e atuar junto. Práticas arcaicas como o mutirão foram suscitadas e experimentadas.

Fonte: fotografia de autoria de Monique das Neves Silva.

Escolhendo sua indômita presença como objeto de estudo, nos permitimos um aporte poético no trato do Mamoeiro como elemento simbólico, levantando suas referências imagéticas em pinturas nacionalistas, às quais nos dedicaremos mais adiante, trazendo então nossa atenção ao tema da antropofagia enquanto estratégia estético-política de lidar com a natureza local e buscar o vínculo perdido com as culturas nativas.

Os mamoeiros foram surgindo de forma espontânea durante os mutirões agroecológicos que o grupo promoveu nos locais. Para cada espaço predestinado eram cultivados certos tipos de semente e mudas eram escolhidas de acordo com profundidade, PH da terra, tamanho do espaço e os destinos sociais daquele ambiente. Na verdade, eles já estavam lá. Já haviam sido notados alguns pés de mamão que, porventura plantados por algum funcionário zeloso, foram motivos de cobiça e

orgulho, pois cresceram, deram frutos que foram todos colhidos. O mamoeiro, uma planta intrusa que trouxe consigo uma desordem estética e cognitiva, na medida em que quebrava o paisagismo moderno, vindo com seu “ar de roça”, fazendo do jardim, um quintal. Foram depois sumariamente cortados.



Figura 2. O verde vivo do Mamoeiro contrasta com o plano cinza da fachada em sua constante fecundidade: quando não está carregado, está florido, no intenso e contínuo produzir. Junto ao caule central, podemos observar os pequenos frutos que, ao crescer, se acumulam no topo.

Fonte: Fotografia de autoria de Monique das Neves Silva.

Estavam condenados ao esquecimento se não fosse a ocorrência intempestiva da ocupação. O restaurante universitário, sem recursos, havia fechado, e os alunos começaram a desejar plantar para superar a sua falta, e ganhar autonomia. Com alimentos, poderiam permanecer no campus, e manter a ocupação. Os mamoeiros voltaram por uma lembrança: o grupo decidiu recuperar o hábito clandestino do funcionário, sonharam com um campo largo, cheio de plantas generosas e se dispuseram a fazer um canteiro de frutíferas. Criaram um pomar.

DO EXPERIMENTO MAMOEIRO E SEU CONTEXTO AJARDINADO

Os mamoeiros, por serem plantas perenes, desenvolvem-se logo e, rapidamente, se tornam plenos de flores e seguidamente dão frutos. São plantas generosas. A cada mamão maduro que cai na terra, nascem muitos outros pés de mamão. Observou-se um canteiro de 40 cm de profundidade, com medida de

5,0 x 9,5 m, no qual 8 mamoeiros chegaram a atingir quase 5 metros de altura, todos produzindo muitos frutos. Esses frutos seguem sendo consumidos, seja pelo passante que ali colhe, pelos pássaros e outros animais que se fizeram presentes, como o gambá e o mico-estrela. Seu processo de crescimento se dá como um campo unificado: mesmo não sendo uma única raiz, como um rizoma, conforma logo um agrupamento que, em permitido, se alastra como uma rede. As árvores se multiplicam com facilidade e geram um modo de sustentação recíproca, o que permite que sobrevivam em condições bem drásticas de falta de água e calor extremo.

A presença do mamoeiro no jardim (Figura 2) observa o cativar pelo sentido familiar e interiorano que tem essa fruta, motivando adesões e efetivando a aproximação e participação do público, seduzindo alunos, funcionários e docentes, fazendo que se sintam entrosados ao movimento, impulsionando a que se incluem emocionalmente ao espaço de cultivo, no desejo que o tomem como parte do seu espaço vital. O mamoeiro produz um híbrido de jardim/quintal, impregnando a universidade com uma atmosfera doméstica. Ao mesmo tempo, o cultivo participativo imprime o sentido de que esse espaço acadêmico é um espaço público, o configurando de fato em espaço de interação social.

O mamoeiro (*Carica Papaya L.*) é uma das fruteiras mais cultivadas e consumidas nas regiões tropicais e subtropicais do mundo. Os frutos do mamoeiro apresentam sabor suave e doce, com um leve aroma. Sua polpa é constituída de uma textura fibrosa, mas macia. Suas características nutricionais o tornam um alimento com benefícios em amplo espectro, podendo ser consumido por pessoas de todas as idades. A sua composição química varia de acordo com a terra de cultivo, assim como o clima e trato cultural, as condições ambientais e a época em que é produzido e seu estágio de maturação (SOUZA et Al., 2009).

Seus amarelos e verdes cambiantes vão colorindo e marcando as fases de crescimento da planta, de suas flores e frutos. São fecundos desde seu estado verde, em que há doces e medicamentos até seu estado pleno de madureza, quando são consumidos diretamente, *in natura*, ou em sucos ou saladas. Sua casca apresenta um látex leitoso que é utilizado culinariamente como amaciante de carnes, enquanto a papaína tem uma enzima usada em medicamentos para distúrbios gastrointestinais. É um regulador do metabolismo e muito apreciado no café da manhã em todo o país.

Nunca um mamão é igual ao outro. Diferem em forma, cor, sabor e perfume. As sementes, que ficam ligadas por fibras à extremidade interna da polpa, no espaço oco de centro, conformam uma superfície delicada, cheia de pontos de um preto brilhante. São redondas, pequenas e se postam lado a lado, ocorrendo em grande quantidade. Apesar de serem geralmente desprezadas, são comestíveis

e medicinais, tratando males diversos. Atuam como vermífugos e auxiliam no funcionamento da digestão.



Figura 3. O mamão é uma planta que apresenta aderência a determinadas modulações afetivas: à planta é atribuída especialmente as qualidades de modéstia, delicadeza e generosidade.

Fonte: Desenho de autoria de Monique das Neves Silva.

O mamoeiro, segundo os princípios debatidos pelos investigadores, tem o potencial de promover, assim, especialmente importante para o cultivo no meio urbano, a multiplicação das fontes alimentícias sem a necessidade de mecanização que perpassa a agricultura produtivista. Além de ter seu fácil plantio, sua fertilidade pode garantir uma distribuição ampla, atendendo a muitos.

PLANTANDO MAMOEIROS NO CAMPUS: REPRESENTAÇÃO EM ELEMENTO/ALIMENTO

A necessidade de criar a obra no espaço que se identifica como a entrada do ateliê do Instituto de Artes, se deu nessa dupla condição: fazer arte e produzir alimento. Ali eram deixados entulhos de obras, e lixos acumulados não só do ateliê, mas de um ginásio mais próximo também, e resíduos de alimentos consumidos por alunos, criando ninhos de ratos e a frequência de pombos, além de caramujos, como outras pragas. São muitos os desafios para se estar em situação de pesquisa:

organizar o próprio grupo, planejar e executar tarefas que, cotidianamente, exigem serem refeitas, um trabalho árduo que ensina a ver as benesses que usualmente delas nem mesmo sentimos o peso, como o saborear uma fruta.

O Experimento Mamoeiro e os exercícios de jardinagem no campus perpassam pelo sentido maior desse esforço, que é produzir coletivamente. A comunidade acadêmica se encanta com o projeto, mas não entende ainda o que o canteiro e o que nele se planta é de todos, que essa área verde deve ser cuidada e usufruída por todos, o que demanda um esforço de organização e trabalho comum. Mas há muito em jogo nesse processo que vem carregando consigo, no seu desenvolvimento, outros elementos para esse exercício de estar junto, como os próprios elementos botânicos que se apresentaram como atratores e, em certa medida, puseram-se como protagonistas também no percurso. Há que reconhecer sua estranheza, sua natureza que desafia o conhecimento: “afinal, o que é uma planta?” Nesse sentido, muitos estudos e oficinas com os estudantes de Botânica foram organizados, para que o cultivo pudesse ser compreendido a partir de seus elementos primários.

Os mamoeiros sobreviveram e estão cada dia mais fortes. Ocasionalmente, as folhas se cobrem de pragas que insistem em habitá-lo, enfrentamento árduo que todo agricultor conhece, mas que se tornou grave por falta de zelo, sintoma das crises na gestão do espaço. A resistência do mamoeiro e os comentários sobre seu crescimento no campus obteve reconhecimento e muitos permanecem vivos mesmo com “resetagens” do jardim.

AGROECOLOGIA ANTROPOFÁGICA - REPRESENTAÇÃO, NUTRIÇÃO E TRABALHO COM A TERRA

O manifesto Pau-Brasil de Oswald de Andrade enfatizava a necessidade de criação de uma arte como expressão das características da brasilidade, com absorção crítica da modernidade europeia. Provocou discussões sobre o surgimento da consciência nacional, abordando a realidade de uma cultura de espelhamento, sem caráter próprio. Esse manifesto reivindicava uma linguagem natural e originalmente nativa. Foi publicado pelo Correio da Manhã em 18 de março de 1924 do mesmo ano que o manifesto surrealista de André Breton. O Brasil modernista estava acompanhando o movimento das vanguardas europeias, ainda que na gestação de um movimento próprio. Oswald defende uma poesia sem regras preestabelecidas para pensar e fazer arte, uma base primitivista agregada a outros predicados libertários: “Tupy or not tupy!” era o mandamento para resolver o sentido de pertença, impregnando a condição moderna com o motivo político da origem.



Figura 4. Plantando o Jardim Antropofágico com introdução de bananeiras. No canto superior à esquerda, as folhagens do mamoeiro.

Fonte: Fotografia de autoria de Monique das Neves Silva.

Uma poesia que pretendia então o vínculo também com a dor: busca a árvore que se tornaria o meio fundante, com subsequente extermínio de seus bosques, provendo a primeira riqueza da fase inicial de colonização, ao assumir criticamente contrastes históricos e culturais aos quais a população e toda a natureza foi submetida, proposta possibilitando tomada de consciência com o Brasil enquanto projeto social emancipador. O primitivismo, instigando a imaginação, promoveu liberdade conceitual e estética: a junção do moderno com o originário trouxe nossa mais importante revolução artística e cultural.

O mamoeiro é o motor do apelo à fase Pau-Brasil. O mamão como um referente em destaque, devido à sua condição de exuberante fruta nativa, facilmente encontrada nas regiões tropicais das Américas, presente nas zonas interioranas e mesmo nos quintais urbanos, fazendo parte de repertório comuns ao espaço doméstico. Por sua insistente presença, também sua lembrança como primeira fruta colhida no campus, sua viva coloração verde-amarela, seu fecundo espalhamento que muitas vezes evitamos e, por sua resistência, em que a planta insistia em reviver; todo esse material seguiu impregnando de sentido esse labor produtivo e seu sentido foi se deslocando para uma produção calcada na identidade nutricional local, dando a pensar o que seria “uma agricultura natural” e torná-la mais fortemente política, flexionando-a com o processo descolonizador no qual vive hoje a universidade. Nasce assim a *Agroecologia Antropofágica*, como uma crítica a

esse mesmo movimento descolonizante, observando que esse sentido habitava de forma potente nas formas de Tarsila do Amaral, nossa pintora modernista. Ao buscar Tarsila, encontra ecos de sua obra em outros artistas mais recentes, no Tropicalismo dos anos 60/70 e no contemporâneo, onde não é mais a representação, mas o alimento em si que aparece e se faz obra.

O quadro de Tarsila do Amaral intitulado “O Mamoeiro” (Figura 5), de 1925, da fase inicial Pau-Brasil. Uma obra que, em esplêndido colorismo tropical, mostra o início da ocupação dos morros das grandes cidades mostrando a vida simples, o dia a dia das pessoas (BRITO, 1996) ao mesmo tempo que revela os movimentos migratórios e mudanças de hábitos na população, num país em franco processo de urbanização.

Esta era a obra preferida do escritor Mário de Andrade. Ele elogiou muito a figura do mamoeiro, tão típica da nossa flora. É um dos primeiros quadros da fase Pau-Brasil, mostrando a paisagem rural brasileira. A infância que Tarsila passou nas fazendas de seu pai influenciou muito sua obra, tanto pelas cores, como também pelos temas.



Figura 5. O Mamoeiro, tela de Tarsila de 1925, exprime as qualidades plásticas da fase Pau-Brasil que se encaminham para o Movimento Antropofágico. No projeto de paisagismo e agroecologia em produção, o grupo de estudantes Manga Rosa também se exercita nesse modo de buscar raízes culturais e estéticas, integrando com as fontes científicas globais e deglutindo tudo em um campo de atuação localizada, em produção *in situ* no modo participativo e auto gestionado.

Fonte: <http://artefontedeconhecimento.blogspot.com/2012/05/o-mamoeiro-1925-tarsila-do-amaral.html>.

Nessa fase, as pinturas de Tarsila exaltavam a natureza tropical, buscando o tom da brasilidade. Tarsila constituía uma nova palheta, com cores fortes, ditas por ela mesma como caipiras. Foi acusada por muitos de mau gosto. A pintora apresenta, com o quadro O Mamoeiro, um dos ápices da brasilidade nativista, traduzido em temas humanos, nacionais e nas cores com os tons de intensidade e força reminiscentes da infância da pintora nascida em Capivari. (AMARAL, 2003; ZÍLIO, 1997).

O mamoeiro é figurante já presente na imagética brasileira: aparece em muitas referências imagéticas na pintura nacionalista. É planta romântica com Eliseu Visconti que, em 1889, pinta “O Mamoeiro” (figura 6) e também antropofágica, como tratamos em Tarsila do Amaral (figura 5), atravessando o tropicalismo com Aldemir Martins (figura 7).

Cada artista ressaltou particularidades de seus aspectos estéticos, nos aproximando do mamoeiro em modos específicos.

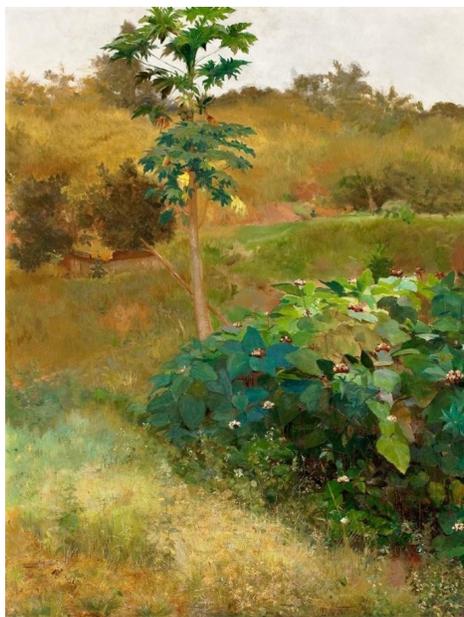


Figura 6. O Mamoeiro de Eliseu Visconti. Com essa obra o autor ganha Medalha de Ouro em 1890 no salão de arte promovido pela Escola Nacional de Belas Artes.

Fonte: acesso livre em <https://eliseuvisconti.com.br/primeiros-tempos-1866-1892/>

CONCLUSÃO: QUANDO EDUCAR É NUTRIR, FAZER ARTE É PRODUZIR ALIMENTO

O projeto investigativo remete a questões de noções de arte relacional complexa (Kinceler, 2008) partindo das observações sobre as relações entre todos os que estão ali envolvidos. Uma forma de pensar e fazer arte em um meio relacional agregando características pessoais, ao mesmo tempo que gerando um processo de formação de um coletivo antropofágico. Um trabalho original e espontâneo que revoluciona na medida em que transtorna o espaço tanto da arte (que sai do atelier) quanto o acadêmico (ao extrapolar a sala de aula). Se faz instrumento político enquanto manifestação organizada, tentando recuperar um espaço que sempre foi de destinação pública, mas nunca foi compartilhado. Agora, ele é efetivamente ocupado por dinâmicas vitais. A ativação do espaço Pomar trouxe uma nova vida para alguns espaços da universidade e para aqueles que ali passam. Como espaço de trabalho e desejo, enseja ser cuidado por todos.

O foco está nas relações entre cada sujeito e dos muitos grupamentos, - de alunos, de docentes, de funcionários, de ambientalistas, de cientistas, de educadores, de ativistas, entre tantos agenciamentos, em que cada pessoa produz modos singulares de aderência e vínculo, fazendo parte de um ou mais coletivos nesse processo -, reconhecendo os saberes dos demais, de outros modos de atuar e entender o mundo acadêmico, no perceber seu papel político nesse universo de produção de conhecimento também no (re)conhecimento do(s) outro(s), reunindo, antropofagicamente, o saber de todos e, de modo autoral, devorar, alimentando-se, no saber da arte. O primeiro dos eixos, o da discência, esse do qual tratamos neste texto, trata do enfoque sobre um tipo de saber vívido, um saber aberto, vinculado aos processos reais de trabalho na aprendizagem e de sua inserção na vida social.

Um saber ativo, que se dá em investigação (des)contínua, e se produz na proposição da formação vinculada ao papel do aprendiz como sujeito atuante em seu próprio meio, e não apenas responsivo. Portanto, o papel ativo como o daquele que é partícipe na construção de conhecimento, mas isso em termos radicais, pois esse conhecimento não está isolado nos limites de seu campo de pensamento, em suspensão, longe de uma prática real, mas sim refletido em seu modo de presença e, ainda, em seu sentido político de ocupação desse seu espaço de presença, a partir do qual exerce um nível de comprometimento social desenvolvido em responsabilidade gestante e, portanto, e ainda, posicionando-se como singularidade criativa, atuando também esteticamente.

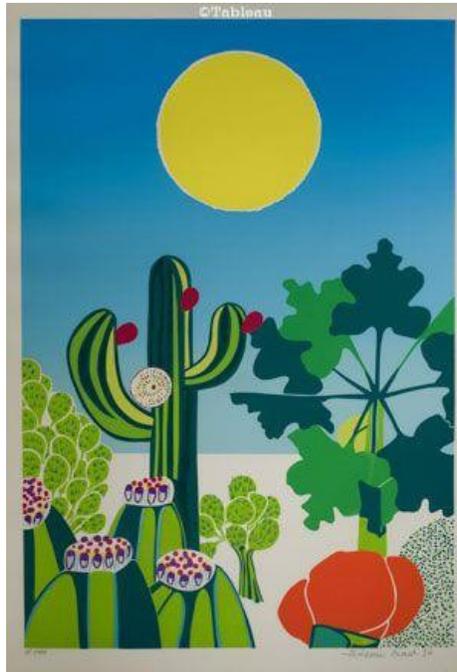


Figura 7. Caatinga, Gravura de Aldemir Martins de 1980. A obra pictográfica de Martins contém fortes ecos antropofágicos, traços tropicalistas em exuberantes composições poéticas. O mamoeiro destaca-se no canto direito do plano mediano.

Fonte: <http://www.estudioaldemirmartins.com/home/obras-aldemir-martins-80.html>



Figura 8. Mamoeiro integrado a jardim em edifício na Zona Sul da cidade. Por sua folhagem exuberante, uma planta frutífera se integra aos elementos de fruição. Observamos a espontânea adesão, ainda que inconsciente, ao modelo jardim/quintal que buscamos cativar com o ideário antropofágico.

Fonte: arquivos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. **Tarsila: sua obra e seu tempo**. São Paulo: Editora 34, 2003.

BRITO, M. da Silva. **História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2.ed, 1996.

KINCELER, José Luis. “As noções de descontinuidade, empoderamento e encantamento no processo criativo de Vinho Saber I – Arte relacional em sua forma complexa”. In **Panorama de Pesquisa em Artes Visuais**. Anais do 17º Encontro ANPAP. RAMALHO, S; MAKOWIECKY, S. (org.) Florianópolis: ANPAP, UDESC, 2008.

SOUZA, T et Al. “Avaliação física e química de frutos de mamoeiro Tainung nº 1, fertirrigado com diferentes combinações de fontes nitrogenadas”. In **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**. Recife: UFRPE, 2009.

ZÍLIO, Carlos. **A Querela do Brasil**. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1997.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteamento vocálico 35, 36, 39, 50

Amazônia 36, 48, 50, 51, 52, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224

Análise crítica do discurso 53, 54, 62

Artes 2, 171, 201, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 218, 223, 224, 225, 230, 234, 237, 238, 239, 241, 244, 246, 247, 249

Autor 23, 24, 25, 28, 69, 72, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 92, 93, 94, 105, 124, 125, 127, 132, 133, 154, 169, 172, 184, 206, 207, 208, 234, 238

C

Conectores 18, 19, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 33

E

Educação básica 91, 95, 99, 102, 140, 153, 155, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

Emancipação 81, 240

F

Formação de leitores 89

Formação docente 89, 122, 123, 129, 132, 137

Formação médica 179, 180, 181, 184, 186, 188

G

Gíria 238, 239, 246, 247, 248, 249, 250

Grafite 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

I

Imagem 59, 98, 101, 126, 143, 144, 146, 148, 161, 187, 189, 194, 205, 208, 212, 214, 215, 216, 219, 220, 222, 247, 248

Intensificadores 1, 2, 3, 8, 9, 14, 15, 16, 172

L

Leitor 26, 27, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 91, 93, 94, 97, 101, 102, 103, 141

Leitura 43, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 123, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 146, 150, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 177, 183, 199,

248, 249, 250, 255

Letras 2, 29, 33, 34, 50, 51, 52, 56, 60, 62, 67, 80, 87, 136, 137, 138, 139, 141, 150, 164, 169, 174, 175, 189, 190, 208, 218, 238, 243, 246, 255

Língua estrangeira 1, 129, 133, 151, 153, 154, 158, 162

Linguística 2, 33, 36, 37, 39, 43, 50, 52, 55, 89, 91, 93, 95, 103, 135, 136, 140, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 164, 238, 247, 250, 255

Literatura 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 103, 109, 112, 137, 142, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 191, 254, 255

N

Necessidades educacionais especiais 137, 140, 141

P

Perspectivas 2, 37, 65, 88, 95, 102, 125, 169, 213, 223

Pichação 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

Prática docente 70, 89, 90, 101, 122, 123, 133, 134, 135

R

Relações étnico-raciais 167, 168, 169, 171, 174, 177, 178

S

Saberes científicos 2

Sentido 10, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 48, 54, 57, 64, 69, 71, 72, 74, 77, 82, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 110, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 140, 156, 170, 182, 190, 193, 194, 205, 216, 229, 231, 232, 233, 235, 244

V

Vinhetas 251, 252, 253, 254

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 